

# A IMPORTÂNCIA DO RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NA RETRATAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR

**Rogério Gomes Pereira Júnior**  
Universidade Estadual de Goiás  
rogheriogomes@gmail.com

**Helen Cristina Dias Lemes**  
Universidade Estadual de Goiás  
hellen.dias@unialfa.com.br

## RESUMO:

Este artigo apresenta a importância do relato de experiência para retratar o cotidiano escolar. Inicialmente, utilizam-se os estudos de Mikhail Bakhtin e Luis Antônio Marchuschi, com o intuito de compreender melhor a estrutura e funcionalidade do gênero textual analisado. Assim, também, necessitou-se elucidar as questões que envolvem o estudo do cotidiano com Agnes Heller, Henri Lefèbvre e Michel de Certeau. Como base da análise proposta, os relatos de experiência docente no subúrbio de Toronto do pesquisador Peter Mc Lares foram relacionados com os teóricos da educação para demonstrar a importância desse gênero tanto nas pesquisas sobre Educação, Cultura Escolar e cotidiano Escolar, como também para motivar professores na sua carreira.

**Palavras-chave:** Relato de Experiência; Cotidiano Escolar; Docência.

## ABSTRACT:

This article presents the importance of the experience report to portray the school routine. Initially, the studies by Mikhail Bakhtin and Luis Antônio Marchuschi are used to better understand the structure and functionality of the textual genre analyzed. Thus, it was also necessary to clarify the issues surrounding the study of daily life with Agnes Heller, Henri Lefèbvre and Michel de Certeau. Based on the proposed analysis, researcher Peter Mc Lares' reports of teaching experience in the Toronto suburb were related to education theorists to demonstrate the importance of this genre in both research on education, school culture, and everyday school life, as well as to motivate teachers in their career.

**Keywords:** Experience Report; School Life; Teaching.

## INTRODUÇÃO

O sinal toca, os alunos entram, ocupam suas cadeiras, os professores chegam para trazer os conhecimentos aos alunos; no intervalo: as brincadeiras, as paqueras, momento de relaxar; na sala de professores: o muro de lamentações. O sinal toca novamente, aquela

procrastinação para retornar tanto dos professores, quanto dos alunos. As aulas continuam. O sinal toca novamente: é hora de ir embora.

O cotidiano escolar parece o mesmo a qualquer pessoa que já passou na escola. Parece que toda sala de aula é igual e, assim como o estudo do cotidiano social, é algo banal, comum, corriqueiro e não necessita de atenção.

Entretanto, o estudo desse tema nos mostra que há muito mais nas experiências diárias do que podemos imaginar. Há as regulações do estado, os espaços de alienação, a revolução. Há muito o que se falar sobre o cotidiano no contexto escolar: culturas sociais, questões relacionadas ao indivíduo e ao meio social

Destarte, este artigo se propõe a destacar a importância do relato de experiência como ferramenta para um olhar mais detalhado no cotidiano escolar. Assim, no primeiro tópico, apresenta-se como o relato de experiência se configura como um gênero textual com suas funções e especificidades.

Com o intuito de elucidar mais sobre o cotidiano, trazem-se pensadores que o estudaram sob um olhar marxista e cultural. É importante teorizar o dia a dia para conseguir ter uma ótica aprimorada na compreensão do cotidiano.

Posteriormente e finalmente, analisaremos os relatos de Peter Mc Laren, sob a ótica de autores que pesquisam temas relacionados à Educação, cuja contribuição para os temas levantados nos relatos de Mc Laren sejam relevantes.

Dessa forma, constitui-se a importância desse gênero não só para a análise do cotidiano, mas como instrumento para o pesquisador de Educação e para os que estão na luta diária na escola, até mesmo como um sentimento de empatia, de debate e conscientização de classe.

### **Os relatos de experiência: Um gênero textual**

Mikhail Bakhtin, em seus estudos, demonstra que o uso da linguagem é algo social, trazendo para si toda a carga ideológica e cultural dos indivíduos que a utilizam.

Logo, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1999, p. 95). Isso comprova que é impossível dissociar a ideia de língua/linguagem do seu contexto social e das ideologias que permeiam o nosso cotidiano.

Ademais, Bakhtin compreende a língua como dialógica, ou seja, todo enunciado é composto por: um emissor (locutor) que emite a mensagem para um determinado receptor (interlocutor). Daí surge a ideia de gênero discursivo.

O gênero discursivo, para ele, significa o resultado da interação que a linguagem proporciona. Então, toda manifestação de enunciados, de forma oral e escrita, compõe enunciados que formam esses gêneros. (BAKHTIN, 2000)

A partir dos estudos dos gêneros discursivos, Bakhtin apresenta três critérios de composição dos gêneros discursivos: tema, estilo e composição.

- Tema: o conteúdo que utilizamos na produção desse enunciado;
- Estilo: a escolha de léxico, gramatical e de usos da língua;
- Composição: forma do texto, levando em conta o interlocutor e o contexto da situação do enunciado. (BAKHTIN, 2000, p. 300)

Essa teoria servirá de base para outros pesquisadores extrapolarem a ideia de gênero no estudo de textos orais e escritos, como Luiz Antônio Marchuschi, referência nos estudos de estrutura textual, em especial os gêneros textuais.

Para uma compreensão inicial dos gêneros textuais, é preciso deixar clara a diferença entre tipo de texto e gênero textual. Assim:

- a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição e injunção*.
- b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. (MARCHUSCHI, 2005, p. 24-25 grifos dos autores)

Algo que é importante ressaltar sobre os tipos e os gêneros textuais é a possibilidade de um gênero não ter o predomínio de apenas um tipo de texto base. Marchuschi (2005) apresenta um exemplo de uma carta pessoal cuja estrutura apresentava características em certos momentos narrativas, depois expositivas, injuntivas, e o texto ia se configurando nessa heterogeneidade. Pode também acontecer de o texto ter uma presença majoritária de um tipo textual, não sendo algo pré-determinado, mas estabelecido pela funcionalidade e pelo estilo que o gênero requer.

Para a composição e o estudo do gênero textual, Marchuschi apresenta os seguintes aspectos:

- Natureza da informação ou do conteúdo veiculado;
  - Nível da linguagem (formal, informal, dialética, culta etc.);
  - Tipo de situação em que o gênero se situa (pública, privada, corriqueira, solene etc.);
  - Relação entre os participantes (conhecidos, desconhecidos, nível social, formação etc.);
  - Natureza dos objetivos das atividades desenvolvidas.
- (MARCHUSCHI, 2005, p. 34)

As contribuições dos estudos de Bakhtin e Marchuschi direcionam o nosso olhar para o estudo do relato pessoal. Entende-se o relato pessoal como um gênero textual que tem como base o tipo de texto narrativo, com elementos como personagem, tempo, espaço. Esse gênero está no “domínio social da documentação e da memorização das experiências humanas.” (FONTINELE; NETO MAGALHÃES, 2018, p. 174)

Outra característica relevante desse gênero é ser não ficcional, ou seja, os fatos narrados são baseados em experiências e o olhar do narrador sobre suas vivências em determinado momento de sua vida contorna o texto para um tom subjetivo. Além disso, sua escrita costuma ser na 1ª pessoa, seja singular ou plural, e, normalmente, os fatos são descritos no passado (memórias).

Esse gênero pode se manifestar tanto por meio da escrita, quanto na oralidade, sendo que o interlocutor para o qual se direciona é quem configurará a escolha do código e o uso da linguagem do narrador/relatador. O objetivo desse gênero é partilhar experiências e situações vividas por um indivíduo ou grupo, podendo ter várias utilidades, de acordo com o seu uso, desde uma mera expressão de fatos da vida, até olhares sobre contextos sociais, históricos, costumes, cultura ou ainda para experimentos científicos e acadêmicos.

Além disso, o gênero é uma ferramenta útil para lançar um olhar ao cotidiano social de indivíduos e determinados grupos e esferas sociais. Contudo, antes de especificar o nosso olhar sobre o cotidiano escolar, é relevante compreender o que está em torno de um termo que parece tão simples, mas que é bem mais complexo e abrangente do que aparenta, como é o caso do cotidiano. Para isso, são necessários alguns apontamentos.

## **A compreensão do cotidiano**

Se pesquisarmos em quaisquer dicionários, o termo cotidiano é definido como algo comum, banal, irrelevante, o nosso dia-a-dia. No entanto, o cotidiano torna-se algo muito mais complexo que isso. Nos estudos sobre o tema, não é possível dissociar dois pontos que formatam o cotidiano da nossa sociedade: o sistema político e o sistema econômico.

Maria do Carmo Carvalho e José Paulo Netto (2011) atestam que o cotidiano não escapa aos tentáculos do Estado que intervém, supervisiona, regulamenta, controla e orienta. Assim, o olhar pelo cotidiano é movimentado por um poder que influencia nossos movimentos, não sendo apenas a ação do acaso, mas essa força que controla a sociedade e que também exerce dominação no nosso cotidiano de várias maneiras.

Além disso, o capitalismo, como sistema econômico vigente, usa esse controle, em associação com o Estado, com o objetivo de expandir o consumo dos indivíduos, de forma que os meios de comunicação e a propaganda são, deveras, instrumentos nas mãos das grandes multinacionais para também formatar o cotidiano.

Ademais, na contemporaneidade, o capitalismo foi desenvolvendo-se e está em todas as esferas de nossa vida social e, conseqüentemente, na escola, como *locus* de estudo, assim como a ação educativa está envolvida nesse processo político e econômico.

Como já dito, essa força é tão camuflada e invisível que nos faz entender o cotidiano como algo banal, entretanto, uma visão mais crítica nos possibilita compreender a não-naturalidade do cotidiano e perceber sua ação de exploração perante o indivíduo na sua alienação diária.

Agnes Heller (1989) faz uma análise do comportamento social do pensamento cotidiano associado com a cultura e com a ética a partir de um olhar mais filosófico ao cotidiano e da construção do homem na história. Para ela, “é a vida do homem inteiro e participa de todos os aspectos de sua vida cotidiana, é a vida do homem inteiro e participa de todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade.” (HELLER, 1989, p. 17) Isso mostra que o cotidiano se relaciona à capacidade intelectual, habilidades, sentimentos, paixões, entre outros.

O homem já está inserido na cotidianidade desde quando nasce. Na vida adulta, ele vai assimilando as relações sociais, compondo, assim, a essência da vida social à qual está atrelada a formatação vinda do cotidiano.

Nos estudos de Heller, vamos perceber várias discussões em torno da construção do ser, do cotidiano e da cotidianidade. No entanto, assim como já apresentado anteriormente, ela

também corrobora o pensamento de que a estrutura econômica de uma sociedade produz o humano-genérico, ou seja, o produto da alienação constante do indivíduo pelas estratégias capitalistas.

Para discutir mais esse pensamento de Heller, Pato (1993, p. 131-132) ressalta que

[...] não é difícil perceber que, em sua concepção, a vida cotidiana é, dialeticamente, o lugar da dominação e da rebeldia ou da revolução. Em outras palavras, ela é partidária da tese segundo a qual não existe "perfeita submissão", nem mesmo na sociedade administrada pela burocracia e pela indústria cultural. Mais importante é que, ao privilegiar a vida cotidiana como lugar onde a sociedade adquire existência concreta, Heller redefine o lugar onde se dão as transformações sociais.

Essa reflexão sobre os estudos de Agnes Heller, que norteia o olhar do cotidiano dentro das esferas sociais e que, neste caso, pretende observar como os relatos pessoais apresentam o cotidiano e as rotinas escolares, é essencial para compreender que é nesses lugares onde acontecem as dominações, as rebeldias e as transformações sociais.

Conforme apontam Heller (1989) e Lefèbvre (1991), para superar uma visão de ciência formatada pelo cotidiano influenciado pela dominação da classe opressora, é preciso pensar a vida cotidiana de uma maneira não-cotidiana.

Assim, “escapando às totalidades imaginárias do olhar, existe uma *estranheza do cotidiano que não vem à superfície*.” (CERTEAU, 2008, p. 171 *grifo nosso*) É essa estranheza do cotidiano, proposta por Certeau, e pelo estudo proposto aqui, que salta aos olhos perante o cotidiano escolar. É esse olhar cotidiano, de uma maneira diferente, que caça algo que não vem à superfície das pesquisas sobre escola. É tudo aquilo que está no famoso “chão da escola”.

A pesquisadora Marília Duran traz outra associação interessante entre cotidiano e escola para Certeau:

Falar de práticas, de criações e artes da escola e de outros lugares é pensar e pesquisar o cotidiano com Michel de Certeau, cuja proposta é a de uma inversão de perspectiva, de um deslocamento da atenção: dos produtos recebidos para a criação anônima. Encontrar sentidos nas artes de fazer de professores e alunos e considerar a legitimidade dos saberes e valores que permeiam tais práticas subterrâneas do coletivo escolar, suas estratégias e táticas próprias – este o deslocamento de perspectiva presente em pesquisas do cotidiano que se ocupam das “artes de fazer” dos praticantes, na busca da compreensão de suas regras próprias e de seu desenvolvimento. (DURAN, 2007, p.120)

Essa inversão de perspectiva de Certeau é a fundamentação necessária para que possamos olhar para os atores do processo escolar como seres ativos no processo de produção

da cultura escolar, e não como sujeitos anônimos e apagados pela coletividade e pela banalização da cotidianidade.

Por isso, a “arte de fazer” e o estudo do seu desenvolvimento, na proposta de Certeau, viabilizam os atores do processo escolar (todos os que atuam na escola) a construir sua própria maneira de fazer, mesmo dentro das ideias propostas pela manipulação cultural capitalista.

Além disso, para o autor, é na linguagem que se opera a cultura, a historicidade e até a perpetuação do cotidiano, por conseguinte, “(...) toda sentença que tem uma saída para aquilo que não se pode dizer”. (CERTEAU, 2008, p. 69) Para isso e por isso, apresentar um olhar do cotidiano através de um gênero textual tão utilizado em congressos acadêmicos e pesquisas para uma observação é tão relevante para que se compreenda a escola, a rotina escolar nas suas especificidades como um recorte do cotidiano social.

### **Relatando o cotidiano escolar**

Depois da compreensão do gênero textual e de uma breve apresentação de teóricos que estudam o cotidiano e suas dimensões que vão além de sua banalização, este estudo vai imergir no cotidiano escolar através dos relatos de Peter McLaren.

Por meio desses relatos de experiência coletados de diários e de entrevistas nas escolas, podem-se produzir outros textos, outras narrativas ou até subsidiar, como pretendemos fazer aqui, textos dissertativos para argumentar problemas vindos da cultura escolar, como o fracasso escolar, por exemplo.

Sempre a dialogar com a teoria dos estudos sobre a rotina escolar e suas agruras, colocamos uma lente de aumento através da cotidianidade que os relatos trazem, para atestar e contestar posturas escolares.

Primeiramente, é preciso falar dos relatos do professor Peter McLaren e suas experiências como professor, iniciante na escola elementar de um dos subúrbios da periferia de Toronto, conhecido como Jane-Finch Corridor. Na introdução do capítulo que relata suas experiências nessa escola, Mc Laren aponta:

A função do diário é fornecer alguma visão da vida escolar como ela é vivida pelos estudantes e professores. [...] É doloroso para mim ler muitas destas histórias, porque reconheço que não estava imune a muitas das críticas que eu agora faço às práticas injustas da escolarização, e às ações de uma formação social racista, sexista e culturalmente imperialista. (MC LAREN, 1997, p. 49)

Muitos professores que leiam esse relato inicial de Mc Laren podem comungar com a ideia, olhar para trás, como ele fez na sua primeira experiência na posição de docente, e ver o quanto aquela cotidianidade formatada pelo capitalismo e suas influências nos faz ter práticas injustas de escolarização.

Ter uma postura e uma consciência crítica requer vivências, reflexões da ação docente. “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática.” (FREIRE, 1991, p. 58)

Por isso, aqui cabe a boa ideia da práxis, não apenas uma prática alienada. Para Freire (1981), essa ideia possibilita ao docente uma postura crítica diante da ação educativa cotidiana e assumindo uma relação dialética com o contexto teórico, numa tríade composta por: ação-reflexão-ação.

Depois dessa análise do que para o autor é o relato de experiência, pretendemos destacar entre seus relatos três pontos que nos “saltaram aos olhos” durante a leitura: a violência escolar, a sexualidade na escola e a figura precária do docente.

Assim, para exemplificar o primeiro ponto, que aborda a violência escolar, apresenta-se parte do relato de Mc Laren de uma segunda-feira, dia 21 de fevereiro.

Hoje quando entrei em seu escritório (do Vice-diretor), encontrei Rod (o Vice-diretor) calmamente segurando um garoto negro que esperneava.  
‘Você se importaria de segurar este menino enquanto eu vou buscar um café? Estou preso aqui. Ele perdeu o controle na classe da sra. Rogers. Certifique-se de que ele não escape’  
Depois que Rod saiu, o garoto simplesmente sorriu e sentou-se quietinho numa cadeira de canto. Eu me sentei na cadeira de Rod, peguei uma revista e comecei a folheá-la [...].  
Sem qualquer aviso, fui derrubado de minha cadeira por uma paulada que veio por trás. Do chão, virei-me para ver o garoto parado sobre mim agitando um bastão de hóquei!  
Abaixei-me, de joelhos, apoiando-me nos braços da cadeira, mas antes que pudesse ficar de pé o garoto empurrou a cadeira, e eu caí no chão.  
‘lixo branco!’, gritou ele, e correu para fora. (MC LAREN, 1997, p. 70)

Esse relato de Mc Laren, apesar de pertencer a outro contexto espaço-temporal, fim da década de 1990 nos Estados Unidos, parece tão próximo e tão atual. Ainda mais quando assistimos os noticiários que relatam casos extremos, como assassinatos de professores em exercício, entre outros. Parece até o cotidiano de uma escola brasileira.

No entanto, é preciso destacar algumas lacunas nesse relato, pois não se sabe por que ele perdeu o controle na sala de sua professora ou até mesmo qual seria a ação do gestor a

partir de situações como essa, e se era uma ação reincidente ou não. Portanto, estamos apenas com o relato por um olhar, não possibilitando uma amplitude de análise.

Contudo, a ação da violência física e verbal já nos subsidia a compreender e levantar algumas questões. A primeira é trazer a discussão sobre violência simbólica realizada por Pierre Bourdieu. Para ele, a violência simbólica “é todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força.” (BOURDIEU, 1982, p. 19)

Nesses escritos, Bourdieu aponta uma série de formas pelas quais a escola reproduz atos de legitimação que são frutos de uma violência simbólica, tais como a aferição do desempenho escolar, e o modo como os alunos devem se comportar.

Essas violências simbólicas aliadas às violências das classes subalternizadas pelo processo de exclusão de classe social, imposto pelas classes dominantes, produzem as violências explícitas, como a descrita por Mc Laren.

Outro ponto importante a ser colocado é o recorte de raça. Ao final da agressão o aluno chama o professor de “lixo branco”, como forma de revidar a violência vivida por negros nas periferias pelas mãos dos “brancos” da classe dominante. Tal violência é revidada na figura então vivida ali pelo professor branco que está submetendo-o ao cárcere na sala do vice-diretor.

Provavelmente, numa esfera social cujas práticas de violência são cotidianas, o olhar desse aluno configura-se nas leis de sobrevivência impostas nas periferias nas quais, muitas vezes, a violência se apresenta como única saída para escapar do opressor. No relato citado, o professor representa a figura do opressor.

Destacamos agora o segundo ponto do relato sobre a experiência de Mc Laren, do dia 18 de março, numa sexta-feira, o qual se relaciona à sexualidade na escola.

Num momento de pânico, decidi sacar a minha lição de tiro certo. Escrevi duas frases numa folha de papel: uma de abertura e outra de fechamento. Os alunos foram instruídos a fazer uma história, cada um contribuindo com uma frase, e então passando a folha adiante.

Minha frase inicial foi: ‘Eu gostaria de ter mais amigos como aqueles que encontrei o verão passado’. A frase final, ‘Foram as férias mais excitantes que já tive.’

Parecia estar funcionando. Os garotos estavam trabalhando e a classe como um todo se acalmou, com umas poucas gargalhadas e bofetadas.

O produto final dizia:

‘Eu gostaria de ter mais amigos como aqueles que encontrei no verão passado. Conheci uma garota de biquíni. Ela tinha peitos grandes. Não escreva tanta sujeira, Duke. Cala a boca, Tina, e deixa ele escrever o que ele quiser. Eu pus minhas mãos nos tetões dela e os apertei. A gente se beijou um montão. Ela sentiu meu pinto

gigante. Mude de assunto. Então, fomos para minha cabana...’ (MC LAREN, 1997, p. 77)

Outra vez, é possível identificar esse relato com o cotidiano escolar de sala de aula do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no Brasil. Estamos lidando com adolescentes com níveis hormonais em ebulição e numa sociedade dúbia que, ao mesmo tempo em que impõe tabus e paradigmas, no que tange às discussões referentes à sexualidade, coloca o corpo e o sexo como produtos na prateleira do consumo dos meios de produção em massa.

Infelizmente, a ausência, o silêncio e até mesmo o desconhecimento da família acabam trazendo para a escola relatos como o dessa produção textual que, real ou não, apresenta o contato com uma possível primeira relação sexual. Mesmo observando que há o intuito de provocar alvoroço na sala de aula, dá para pensar também que há aí um desejo implícito de falar sobre o assunto.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, orientação sexual era um tema transversal para ser discutido nas escolas, mas com o advento da “escola sem partido”, e da ideia do professor doutrinador, há uma série de regressões no que tange a essa abordagem, algo que acaba restringindo o professor de trabalhar com o tema, permitindo-o apenas cita-lo sob o ponto de vista biológico e voltado para as questões relacionadas à saúde.

Contudo, é fundamental usar as brechas e deixas que o cotidiano escolar nos dá para “refletir criticamente sobre os processos de subjetivação de crianças e adolescentes que, desde tenra idade, internalizam preconceitos que culminam em atitudes sexuais discriminatórias entre iguais e que podem se estender à vida adulta.” (FURLANETTO et al. 2018, p. 567)

Por isso, é fundamental que o professor esteja preparado para tais assuntos e para tratá-los com a importância que carecem, desmistificando tabus e conduzindo os alunos a uma construção da sexualidade consciente, responsável e livre de discriminações.

O terceiro ponto que destacaremos sobre o relato de Mc Laren é talvez o mais desesperador do cotidiano escolar. Ele se relaciona com a figura precária do docente. Trata-se um trecho do dia 16 de março, uma quarta-feira.

As crianças gritavam cada vez mais alto, enquanto bolsa, aviões de papel e bolas plásticas de hóquei voavam pelo ar.

Uma professora com o cabelo desarrumado, com suas crianças numa balbúrdia na sala de aula, fugiu para o corredor, em lágrimas: ‘Danem-se essas crianças! Não aguento mais!’[...]

Finalmente, os professores exaustos e sobrecarregados retiravam-se para suas salas, e rapidamente fechavam a porta atrás de si. (MC LAREN, 1997, p. 74)

É possível discutir uma amplitude de tópicos educacionais nesse relato. No entanto, nossa preocupação como docentes nos apresenta uma situação que é realidade na Educação brasileira: o adoecimento do docente da Educação Básica.

A pesquisadora Mary Sandra Carlotto, em seu artigo sobre síndrome de Burnout e a docência, apresenta algumas questões que contribuem para essa síndrome atacar especificamente os professores.

Atualmente, o ofício de professor, independente do nível de ensino em que atue, tipo de escola, pública ou privada, está se configurando como uma profissão alvo de inúmeros estressores psicossociais presentes no seu contexto de trabalho. A atividade docente, entendida em tempos passados como uma profissão vocacional de grande satisfação pessoal e profissional tem dado lugar ao profissional de ensino excessivamente atrelado a questões tecnoburocráticas. Há uma redução da amplitude de atuação do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas, há menos tempo para executar o trabalho, para atualização profissional, lazer e convívio social, bem como escassas oportunidades de trabalho criativo. Claramente, evidencia-se a existência de diversificação de responsabilidades com maior distanciamento entre a execução, realizada pelos professores, e o planejamento das políticas que norteiam seu trabalho, elaborado por outras pessoas. (CARLOTTO, 2011, p. 403)

Quando a professora do relato diz: “Eu não aguento mais!”, por trás desse “não aguento mais” vem uma série de dilemas que estão relacionados a ser professor. No contexto apresentado, vemos a questão da indisciplina como foco do desânimo e da exaustão docente.

Então, enfocando o problema disciplina no cotidiano escolar, é preciso entender algo fundamental: a realidade discente e a realidade docente. Outrora, éramos acostumados com adolescentes mais disciplinados e respeitosos com os professores, que os viam como autoridade máxima, ainda que esse respeito se desse, muitas vezes por imposição docente e por medo discente, e não por uma situação ideal de respeito mútuo entre as partes, ou por grande interesse discente nas atividades escolares.

Por uma série de situações sociais e culturais que compõem a contemporaneidade, temos um “outro” adolescente, um adolescente hiperconectado, com poucas noções de regras, limites e com contato direto com a violência urbana.

Katia Pimenta e Shênia Louzada, ao falarem sobre indisciplina e os professores em um artigo, concluem essa problemática da seguinte forma

É necessário assumir a realidade, acreditando nas possibilidades de mudanças de comportamento, de postura, na transformação de uma realidade. Mudando o que realmente deve ser mudado, valorizando o respeito mútuo, o exercício de direitos e deveres, buscando a presença da família e ainda procurando despertar a motivação no aluno e nos professores. (PIMENTA; LOUZADA, 2012, p. 27)

Um desafio, sim! Mas é um caminho que a educação precisa trilhar para desviar do que está à beira do caos: a fuga dos mais jovens da carreira docente. Portanto, ansiamos por mais pesquisas que reflitam e lancem luz sobre o assunto.

### **Minhas/Nossas considerações finais**

Neste artigo, utilizamos a terceira pessoa durante os relatos de Peter Mc Laren, mas misturando as vozes da autora e do autor deste artigo à voz do autor dos relatos em análise. Por isso, intitulamos esse final como minhas/nossas considerações finais, uma vez que são considerações perpassadas pelas três vozes presentes no artigo. O relato de experiência, como um gênero textual e discursivo, pressupõe uma dialética, um outro que conversa, um interlocutor, por isso, o relato mexe conosco também de maneira individual, com nosso “eu aluno” - autora e autor deste artigo; com nosso “nós professores” - autora e autor deste artigo e autor dos relatos analisados.

Apreciamos muito ler e estudar relatos de experiências docentes, pois transmitem a sensação de não estarmos sozinhos. Além disso, ameniza a impressão de incompetência constante que paira na carreira docente, sobretudo durante leituras de textos acadêmicos que parecem ser produzidos por pessoas alheias à escola e que realmente não conhecem o cotidiano escolar nu e cru.

Assim, demonstramos, entre outras tantas importâncias do relato de experiência dentro de revistas acadêmicas - seja do êxito, seja do fracasso escolar - há a visão do relato como um momento que podemos chamar de empatia profissional, reconhecimento de classe, de terapia coletiva. Enfim, um momento de unirmos forças para um só objetivo: o cotidiano escolar ser um lugar mais eficaz e agradável.

Ademais, é possível enxergar os relatos nos métodos das pesquisas educacionais qualitativas, como entrevista, pesquisa-ação, grupo focal, entre outros. Tais relatos de experiência surgem no estudo do estágio, no estudo da práxis docente, da rotina escolar, trazendo à tona aquilo que pode estar sendo arrastado para debaixo do tapete da escola.

E isso é importante para um olhar sincero sobre o que é estar dentro da sala de aula, independente do papel exercido. A leitura de Mc Laren mexe conosco e pensamos que deve mexer com todo professor atuante no ensino regular, seja Fundamental ou Médio. Principalmente, porque ali não há um diálogo entre teoria e prática, é apenas um relato, quase literário, quase uma catarse, um devir.

Portanto, almejamos que os relatos de experiência continuem perpassando nossos estudos sobre escola, sala de aula, cultura escolar e seu cotidiano. Isso porque o olhar de quem está na experiência é indispensável para a contribuição na resolução de problemas sólidos e consistentes numa sociedade que vive em constante transformação.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Psic.: Teor. e Pesq. [online]**. vol.27, n.4, pp.403-410. 2011.

CARVALHO, M. do C. B. de; NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

FONTINELE, de C. S.; NETO MAGALHÃES, P. R. Por uma didática de leitura e produção textual: uma proposta de ensino com o gênero Relato Pessoal. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana**, v. 19, n. 3, p. 169-188, 2018

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FURLANETTO; M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa** v. 48 n. 16 p. 550-571 abr./jun. 2018.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana e o mundo moderno**. Editora Ática, 1991.

MARCHUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

McLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993.

PIMENTA, K. G.; LOUZADA, S. S. S. A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades. **Revista e Ped FACO / CNEC Osório** Vol. 2 nº1 (Ago). 2012.